Introdução à tradução portuguesa
das Meditações Cartesianas de E. Husserl

A fenomenologia constituiu-se contra os abalos a que o projecto do saber foi submetido, quanto à sua própria essência e possibilidade, pela suspeita que os desenvolvimentos do positivismo e do psicologismo vinham introduzindo no seu próprio terreno, fundador: a verdade. Suspeição a que as obras de Marx, Nietzsche e Freud vieram trazer novos matizados e porventura mais subits radicalizações, embora Husserl se tenha mantido no terreno da pura filosofia universitária. Desde as Investigações Lógicas, pelo menos, o fio condutor parece ser o reconduzir o saber à verdade e à certeza de si mesmo. Anselmo, explícito ou implícito, de uma matheissis universalis e de uma Filosofia Primeira? Mais que Kantiana a inspiração parece ser platónica e cartesiana.

Em sentido restrito, as Meditações Cartesianas visam afastar a clausura solipsista do horizonte da fenomenologia transcendental, mostrando simultaneamente que a objectividade se funda na concordância de uma pluralidade de subjetividades e que essas, os
outros, me são dadas, não enquanto menas coisas, mas de uma ma-
neira diferente, como «uma outra mónada que se constitui, por co-
apresentação, na minha». (Meditações Cartesianas, § 52). Em sen-
tido amplo, a importância das Meditações no conjunto e na econo-
mia de obra husserliana está ligada ao esclarecimento, mais ou
menos definitivo, do acentuar da fenomenologia como idealismo
transcendental e ao entendimento de tal acentuação como radicali-
zação do propósito que a si mesma se atribuiu a fenomenologia.

As Meditações acentuam, de facto, o estilo leibniziano que
vinha conduzindo a fenomenologia. A redução fenomenológica faz
a consciência aparecer não só como radicalmente distinta da reali-
dade objectiva mas também como um absoluto, como mónada,
enquanto inclui intencionalmente o mundo, o que significa que a
objectividade só existe como pólo de um fim intencional que lhe
constitui o seu próprio estatuto, o seu próprio sentido. É aqui que
se situa o fimar do idealismo transcendental que e fenomenologia
de alguma maneira transpõe; a intencionalidade não é algo de fixo,
o «eu-puro» não é apenas consciência imanente mas também a
instância de doação de sentido e de ser. A subjectividade é consti-
tuente, não cria mas funda o transcendente no imanente.

Esta radicalização, já presente no acto de redução, não estará
também já implicita na opção que nas Investigações Lógicas
Husserl toma, ao pretender a orientação para o objecto em relação
à orientação para o sujeito, na medida em que a doação do objecto
acontece no interior de uma correlação na qual a subjectividade é
fundadora. O percurso parece ter sido esse: nas Ideen I, por exem-
pio, insiste-se já no ser absoluto da consciência e nas Ideen II tra-
tavase da constituição da natureza não animada, animada e do
mundo do espírito.

A fenomenologia surgiu fundando e lógica como lógica pura,
recuperando contra o psicológismo, através da eidética, a verdade;
a redução, por outro lado, fez surgir o fenómeno, isto é, a relação
da consciência com o seu objecto e o relevar da intencionalidade
como característica específica daquela; daí à absolutização da
subjectividade o passo, mais do que um passo, é um radicalizer.
A identificação do método com a própria vida da consciência
e com a maneira como a consciência vive e expressa esse viver,
está inscrita de vários modos desde a estrutura germinal da obra
husserliana.

De radicalização em radicalização, a fenomenologia encontra-
se a si mesma como aquilo a que desde o início anseia ser: «Só
quem compreende mal o sentido profundo do método intencional
ou o sentido da redução transcendental — ou um e outro — pode
querer separar a fenomenologia e o idealismo transcendental.
Aquele que incorre neste género de mal entendido não pode
sequer compreender a essência própria de uma psicologia intencio-
nal verdadeira (nem, por consequência, de uma teoria do conheci-
mento intencional psicológico, nem o seu papel de peça fundamen-
tal e central de uma psicologia verdadeiramente científica)» (Medi-
tações Cartesianas, § 41). Assim, mais do que um simples método
descritivo das essências, mas do que criticismo, a fenomenologia,
como diz Eugen Fink, o último assistente de Husserl, coloca-se no
terno das questões que toda a metafísica estabeleceu como sen-
do o seu (1).

A fenomenologia situa-se no interior da filosofia, inserida no
propósito e no diálogo da metafísica. Se, diz J. Derrida, «a feno-
menologia criticou a metafísica no seu ser foi apenas para a res-
taurar. Disse-lhe o seu ser para a despertar para a essência da sua

(1) E. Fink, «Die Phänomenologisch Philosophie E. Husserls in der gegen-
wärtigen Kritik», Kantstudien, 1933. Artigo que o próprio Husserl subs-
creveu.
tarefa, para a originalidade autêntica do seu intento (1). É por-
ventura este designio que preside ao radicalizar da fenomenologia
no idealismo transcendental, devendo esse anseio de se constituir
como Filosofia Primeira ser o seu proprio objectivo final. São meta-
físicos, os seus resultados «se é verdade que o conhecimento último
do ser deve ser chamado metafísico. Mas não são nada menos que
metafísica tradicional no sentido habitual do termo; esta metafísica
degenerada no decurso da sua história, não é de maneira alguma
conforme ao espírito no qual foi originalmente fundada enquanto
filosofia primeiras». (Meditações Cartesianas, § 60).

As Meditações Cartesianas tiveram origem num conjunto de
conferências que Husserl, em Fevereiro de 1929, convite do Ins-
titut d’Etudes germaniques e da Société Francaise de Philosophie,
fez na Sorbonne, constituindo o texto, que foi revisto e retocado
pelo autor com o intuito de o apresentar numa versão definitiva,
uma introdução à Fenomenologia transcendental. A versão france-
sa, traduzida por G. Pfeiffer e E. Levinas, foi publicada antes da
versão alemã que só o foi depois da morte de Husserl sob os aus-
pécios dos Arquivos Husserl e sob a direcção de H. L. Van Breda.

António M. Magalhães de Sousa

(1) J. Derrida, Margens de Filosofia, trad. Joaquim T. Costa e António M.
le phénomène», o objectivo de Derrida é também o de, a partir do conceito
de signo tal como Husserl o assume, ver anunciar-se a crítica fenomenológica
no interior da segurança metafísica. Mais: trata-se de verificar que o recurso
da crítica fenomenológica é o proprio projecto metafísico no seu acabamento
histórico e na pureza apenas restaurada da sua origem. J. Derrida, La voix et
le phénomène, PUF, 1978, p. 3.

INTRODUÇÃO

1. As «Meditações» de Descartes, protótipo do retorno
filosófico sobre si próprio.

Estou muito feliz por poder falar da fenomenologia transcendental nesta casa venerável entre todas aquelas em que a ciência
francesa se desenvolve. Tenho para isso razões especiais. Os novos
impulsos que a fenomenologia recebeu, deve-os a René Descartes,
o maior pensador da França. Foi pelo estudo das suas Meditações
que a fenomenologia nascente se transformou num tipo novo de
filosofia transcendental. Poder-se-ia quase chamá-la um neo-carte-
sianismo, ainda que se tenha visto obrigada a rejeitar quase todo o
conteúdo doutrinal conhecido do cartesianismo, na medida em
que deu a certos temas cartesianos um desenvolvimento radical.